

CRÔNICAS

PADRE MATEUS PASQUALI (1825-1906)

Frei Rovílio Costa

1º Cura de Alfredo Chaves (atual Veranópolis): 120 anos de celebração da 1ª Missa e 100 anos de falecimento.

Padre Mateus nasceu em Durlo (Vicenza) em 1825. Concluídos os estudos eclesiásticos, foi ordenado sacerdote em Vicenza, em 1849. Era irmão do Pe. Pietro Pasquali, falecido na Itália em 16-5-1904, com 80 anos. Desde 1853, Pe. Mateus atuou no magistério e na pastoral nos municípios de Campodalbero, Rampazzo, Albettone, Durlo e Arzignano, na província de Vicenza. Em 13-11-1882, com 57 anos, a convite de parentes e conterrâneos, partiu para o Rio Grande do Sul.

Chegou no Rio Grande do Sul em 2-1-1883. Dom Sebastião Dias Laranjeira destinou-o à Colônia de Caxias como auxiliar; foi pároco de Vila Rica, atual Júlio de Castilhos (1885-6), visitando núcleos de imigrantes italianos em Ivorá e Nova Palma. Em Júlio de Castilhos, a 20-9-1885, fez o casamento de Joaquim Francisco de Assis Brasil com D. Maria Cecília de Castilhos, irmã de Júlio de Castilhos.

Trabalhou depois em Caravaggio e, a 16-7-1886, festa de Nossa Senhora do Carmo, tomou posse e rezou a 1ª Missa, no Barracão dos Imigrantes, como primeiro cura da nascente Colônia de Alfredo Chaves, atual Veranópolis, que compreendia o território dos atuais municípios de Veranópolis, Nova Prata, Cotiporã, Fagundes Varela, Vila Flores, Nova Araçá, Nova Bassano, Paraí, Guabiju, São Jorge, Protásio Alves e Vista Alegre do Prata, que o recordam aos 125 anos da celebração da 1ª Missa (16-7) e centenário de sua morte (29-6). A partir de 1896, com a chegada de Padres Carlistas a Nova Bassano, o território foi compartilhado com eles.

Ajudou a Comissão de Terras a definir o local da Igreja Imperial, que polarizou o povoamento. Organizando os colonos, levantou

capelas no território, visitando com assiduidade os imigrantes. Na Revolução federalista de 1893, portou-se com bravura em defesa dos direitos dos colonos. Em 1892, Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, considerando o vasto território com cerca de 28 mil pessoas, destacou o Pe. Josué Bardin para atender a Capela de S. João Batista de Capoeiras, lançando as bases da futura paróquia e município de Nova Prata.

Sentindo as limitações da idade, convidou os capuchinhos a se estabelecerem em Alfredo Chaves. Em 1901, Frei Bruno de Gillonnay enviava a Alfredo Chaves os freis franceses Alfredo de Saint-Jean d'Arves, Leonardo de Cambéry, Roberto d'Apprieu e Patrício de Saint-Eustache, que fundaram o Convento e a Escola Seráfica e assumiram a pastoral do interior do território. Em 30-12-1904, assumiam definitivamente a paróquia, com a nomeação de Frei Fidélis de la Motte Servolex como pároco.

A primeira igreja de Alfredo Chaves foi projetada pelo engenheiro Júlio da Silva Oliveira, fundador e diretor da Colônia, em estilo colonial, de alvenaria, denominada Igreja Matriz São Luís Gonzaga. O Pe. Mateus a benzeu solenemente a 15-8-1888, com as imagens do padroeiro São Luís Gonzaga, e dos co-patronos Nossa Senhora da Conceição e São José.

Pe. Mateus escolheu São Luís Gonzaga como patrono, porque apostava na juventude. Mas a juventude, dizia, se alimenta do testemunho dos mais velhos. Por isso o segundo pólo de sua pastoral eram os anciãos e doentes, quase profetizando o atual Veranópolis, terra da longevidade. Atendia aos doentes de qualquer parte da paróquia, em qualquer tempo.

Pe. Mateus lutou e trabalhou até ao fim em prol de sua paróquia, privilegiando a pastoral da juventude, sob a proteção de São Luís, e dos doentes e moribundos, sob a proteção de São José.

Remo Rômulo Farina descreve o zelo pelos enfermos de Pe. Mateus, em seu texto – *O último Viático*:

“Após cavalgar algumas horas no escuro por rústica estrada, via surgir a madrugada. Fazia frio e forte neblina envolvia o ambiente... À medida que se aproximava do destino, apontava uma ermida solitária, mais adiante uma casa de madeira sem pintura, com as janelas iluminadas por lampião a azeite, chegava a seus ouvidos uma voz fe-

minina, comovida, recitando a ladainha de Nossa Senhora, respondida pelos presentes com o refrão – *Ora pro nobis* – Rogai por nós!

Entrando na sala, as mulheres, que rezavam, abriam-lhe caminho até ao quarto da moribunda, e suplicavam preocupadas:

– Depressa, padre, que ela está morrendo!

Lá dentro, em pobre cama... uma mulher de meia idade, de respiração ofegante e olhar apagando... Sobre a toalha branca da mesinha, ardiam duas velas, havia um frasco de água benta, um raminho para aspersão e uma bacia para lavar as mãos. Padre Mateus estendia o corporal sobre a mesa, sobre o qual colocava a caixinha com a hóstia consagrada, um pratinho com 7 chumaços de algodão para enxugar a unção, e alguns pedaços de miolo de pão para a purificação dos dedos do celebrante após a unção, em destaque um crucifixo e, ao seu lado, um recipiente especial com o óleo dos enfermos.

O sacerdote, de sobrepeliz e estola, iniciava a cerimônia da unção, unguindo os olhos, os ouvidos, o nariz, a boca, as mãos e os pés, com a fórmula – Por esta santa unção, perdoe Deus todos os pecados que cometeste pelos olhos, ouvidos, olfato, gosto e palavras, pelo tato e passos. E lhe concedia a absolvição: – Eu te absolvo de todos os teus pecados, em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo. Amém. E depois lhe administrava a comunhão, com as palavras: – Receba o Viático do Corpo Santo de Nosso Senhor Jesus Cristo: que a guarde dos assaltos do mal e a conduza à vida eterna. Amém. E quando... a vida se apagasse, o sacerdote lhe ministrava a última bênção, traçando uma cruz com a mão direita, e aspergia com água benta a extinta...

No regresso..., Pe. Mateus, que muito se emocionara com a cerimônia realizada, sentia-se... perder os sentidos, resvalando da sela, caindo no solo, desacordado... Após algum tempo, refazendo-se, conseguia erguer-se, agarrando-se nos arreios... e com alguma dificuldade... retomava o caminho de volta.

Pe. Mateus sentia seu mundo ruir. Embora de forte caráter, era homem sentimental, preocupado com o bem-estar do próximo e a cura das almas. Acontecimentos tristes se acumularam – em julho de 1903, a morte do Santo Papa Leão XIII, ao qual devotava afeto filial; em outubro de 1903, o prematuro falecimento de Júlio Prates de Castilhos, seu inolvidável amigo. Um acidente isquêmico, quando levava o Viáti-

co a uma moribunda, o deixou com o braço esquerdo semiparalisado. Precisou reduzir suas atividades.

Era 1901. Houve no povoado uma Missão de Freis Capuchinhos, pregando o Ano Santo. Os missionários cativaram o povo, o que motivou Pe. Mateus a pedir a Frei Bruno que enviasse alguns frades para auxiliá-lo no curato. A eles confiou a assistência religiosa do interior do vasto território. Mas não deixou de todo o trabalho, porque dizia: “Fui privado de alguns movimentos físicos, porém não da memória e da palavra”. Por isso continuava a pregar a palavra de Deus e a aconselhar os paroquianos, para os quais estava sempre disponível, na sede.

Um ano antes da morte, mandou fazer seu túmulo, na cripta da igreja, para não se separar de sua igreja, nem após a morte. Durante os trabalhos, resolveu ir ver a obra. Parecendo-lhe a tumba um tanto pequena, com dificuldade deitou-se no vão da cova. Era curta, sobravam os pés. Indignado, com a mão direita empunhava a picareta e derrubava as muretas, dizendo: “Quero subir ao paraíso de corpo inteiro, e não sem os pés!” Os operários riram e refizeram o sepulcro, no corredor da igreja, “para que os que iam à comunhão, dizia Pe. Mateus, pisem sobre meu túmulo, e ajudem ao aprimoramento de meu espírito.” Mas os fiéis, quando iam comungar, em respeito, desviavam-se do túmulo do Pe. Mateus, que levava a inscrição latina: *Hic quiescit in Domino D. Mateus Pasquali hujus Ecclesiae parochus*. Aqui jaz no Senhor Pe. Mateus Pasquali, pároco desta igreja.

Recebidos os sacramentos, faleceu a 29-7-1906, após 20 anos de ministério em Alfredo Chaves. Os fradinhos lhe ministraram os santos óleos e a comunhão final... Celebrada missa de corpo presente, os frades, carregando o caixão simples sobre os ombros, percorreram a nave central, entre alas de fiéis comovidos, e o sepultaram no local por ele escolhido... Era o dia 29 de julho de 1906.

SÃO JORGE EM VILA FLORES E NO MUNDO

Rovílio Costa

São Jorge morreu mártir na Palestina, onde é venerado desde o século IV, e lhe é dedicada uma igreja. Do Oriente, onde tem o título de “Grande Mártir”, sua devoção se espalhou no mundo, como um dos santos mais populares desde a Idade Média.

Era soldado do Imperador Diocleciano, pelo ano 300. Batizando-se cristão, desligou-se do exército para defender sua fé. São Pedro Damiano, no sermão da festa de São Jorge, que se celebra a 23 de abril, diz: “Do exército do imperador, passou ao exército de Cristo”. Denunciado como cristão, foi preso e, por não aceitar renegar a Cristo, foi jogado na prisão com uma grande pedra no peito e, depois de mergulhado em cal viva, foi decapitado.

O Egito lhe dedicou 40 igrejas e três mosteiros. Em Constantinopla, era protetor do Exército Imperial. Seu culto passou ao Ocidente pelo ano 1000. Ricardo Coração de Leão, comandante de uma Cruzada, constituiu-o padroeiro das Cruzadas. No século XIII, a Inglaterra celebrava sua festa como dia santo, e criou a Ordem dos Cavaleiros de São Jorge.

São Jorge é apresentado lutando contra o dragão, pois em Silene, na Líbia, teria salvado uma moça das garras do demônio. Os devotos vêm em São Jorge, matador do dragão, o símbolo da proteção divina contra os assaltos dos inimigos da vida cristã! “Vosso adversário, diz São Pedro, o demônio, anda em redor de vós como o leão que ruge, buscando a quem devorar! Resisti-lhe fortes na fé” (*IPd* 5,8).

Em Vila Flores

Na Linha Visconde de Pelotas (Vila Flores-RS), em 1885, um grupo de famílias, a partir de uma estampa de São Jorge, trazida da Itália, decidiu construir um capitel a São Jorge, onde se reuniam para rezar, nos domingos e dias santos. Eram as famílias de Francesco Lucchini, Domenico e Beniamino Oltramari, Antônio Carnevale, Luigi Davide, Napoleone e Fermo Polachini, Alessandro Segnorin, Dalmazio Maurílio e Aristides Costa, Antônio Campagnoli, Giovanni Pasini, Pietro Peruzzo, Leopoldo e Batista Manfredi, Gaetano e Ampélio Antoni-

oli, Geremias Roncatto, Alécio Moretto, Mateus e Donnano Simioni, Alessandro Nicolini, Enrico Caramori e Isidoro Lupato...

Em 7-6-1900, era inaugurada a primeira capela, de madeira, benta pelo Pe. Domingos Vicentini, quando a secção já tinha cemitério, bento em 6-12-1893, pelo Pe. Mateus Pasquali. Em 1906, as famílias, reunidas em oração na pequena capela, prometeram construir uma capela maior, em pedra, pedindo a proteção de São Jorge, contra a infestação de gafanhotos, que destruíam as plantações.

Todo o trabalho foi conduzido pelo pedreiro-mestre, Dalmázio Maurílio Costa, avô de frei Rovílio Costa. Suas estátuas foram esculpidas em cedro pelo santeiro da Colônia Alfredo Chaves, Antônio Triches, o mesmo que esculpiu a estátua de Nossa Senhora de Lourdes, da Gruta de Veranópolis, que nasceu também por promessa da população, em 1906, para proteção contra a infestação de gafanhotos. Diante da imponente estátua de São Jorge, em tom de brincadeira, o santeiro exclamou: “Ôstia, a go fato el caval pi bel del santo!” Caramba, fiz o cavalo mais lindo que o santo!

A capela foi concluída e inaugurada em 22-4-1916, há 90 anos, com missa, procissão, almoço, jogos, sorteios, rifas, coincidindo com o enterro, no final da tarde, de seu construtor, Dalmazio Maurílio Costa, que, na noite anterior, ao retornar de Veranópolis, onde buscara o Padre para a festa, chegando em casa, disse ao filho Aristides: “Aquelas tábuas que sobraram do forro da capela, guarde-as para o meu caixão”. Meia hora depois, foi tirar as botas, lavar os pés e fazer a barba, preparando-se para a grande festa, e um enfarto fulminante o vitimou. Foi invejado pelos amigos pela felicidade de se juntar, no céu, a São Jorge em data tão importante em que o Santo era homenageado com a nova capela.

UM ANO DEPOIS MENOS MÍDIA E MAIS OBJETIVIDADE

Rovílio Costa

Omnis comparatio claudicat. Toda comparação confunde, diz o refrão. Comparar Bento XVI e João Paulo II é como comparar Bento com Bento. Pois era Bento quem dava as linhas doutrinárias a João Paulo II, e agora o faz pessoalmente. Se alguém sonha que a Igreja se moderniza com casamento de padres, ordenação de mulheres, de homossexuais, divórcio, aborto, embriões..., pode esperar sentado. O João Paulo da mídia, com rigorismo doutrinário, está longe do Bento com menos mídia e mais segurança e clareza doutrinária. Aquele sabia mais aparecer, este sabe mais pensar e fazer.

Será que João Paulo II teria assinado a Encíclica *Deus caritas est*, embora se diga que a havia iniciado? Ela avançou tanto, que a Igreja e o mundo ainda não a entenderam.

Bento sabe o que diz, por que diz e tem razões por que o diz. Se se quiser uma Igreja revoltada e dividida – basta que o Papa avance em reformas, acima da práxis eclesial. O que pensa e faz a Igreja local, face às esperadas reformas de Bento XVI? Alguém foi perguntar isto aos mais de 200 padres e cinco bispos, na concelebração, na catedral, na Quinta-Feira Santa?

Alguém avançou mais nas propostas de encontro judaico-cristão e de Igrejas cristãs, que Bento XVI? E, na prática, o que está acontecendo, além de belas teorias?

Cabe ao Papa ratificar a união, encontros, impostação ecumênica, conseqüente do Magistério eclesial, mas não determiná-la por decreto.

A nós, da pastoral, cabe ver, perceber e acolher as ânsias espirituais do povo e fazê-las chegar às Igrejas. É do povo cristão que brotarão as reais mudanças e respostas espirituais.

Já estamos saturados de instituições e intelectuais que indicam o que os outros devem fazer, e se homiziam na própria crítica, como engenheiros de obras feitas. Para a vivência ecumênica de – um só

Cristo e um só batismo – há que se transcender a instituição, descer à realidade, a fim de responder às espirituais necessidades.

Teólogos, padres e pastores... somos desafiados a, por primeiro, vivermos o um só Deus (dos judeus e cristãos) e um só batismo e um só Cristo (dos cristãos entre si). Não apenas denunciar divisões, mas viver unidades.

Bento XVI, na Sexta-Feira Santa, enfatizou: “A nada levaria a Igreja criticar os desmandos da humanidade, se não viver o amor e a misericórdia do Crucificado”.

IRMÃO AVELINO MADALOZZO

Elvo Clemente

Nestes momentos, o sentimento é grande e as palavras vêm com dificuldade. A perda de um amigo, de um companheiro de jornada, de um coirmão caríssimo é sempre dolorida.

Aqui estamos, familiares, coirmãos, amigos, diante dos espólios de alguém que, durante 82 anos, soube lutar para a boa educação, para o melhor ensino, para a fraterna convivência na comunidade religiosa, colegial, universitária e associativa.

Aquela criança, que abriu os olhos para o dia 28 de fevereiro de 1924, tinha diante de si bela carreira, estrada longa onde as flores e os frutos se mesclavam com as urzes e as pedras. Tudo na mistura que a Providência divina, mão dadivosa, proporciona à existência humana.

Nos alvares da adolescência, sentiu-se chamado à vida marista. Tutelado pelo Irmão Pedro Luís, passou da Escola Sagrado Coração de Jesus, de Antônio Prado, ao Instituto Champagnat, onde completou os estudos e professou no Instituto Marista, em 24 de janeiro de 1943, onde foi fiel até às 10 horas de 4 de maio de 2006.

Ei-lo pronto para a missão do ensino na longínqua Uruguiana, em 1946, regendo classe e preparando centenas de adolescentes para a vida. Da Fronteira veio ao Colégio do Rosário, onde venceu o Curso de Letras Clássicas, com brilho e sacrifício, pois lecionava pela manhã no Ginásio e à tarde era a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Não media sacrifício para seu aprimoramento intelectual e cultural. Com denodo, cursou a Faculdade de Direito. Ainda hoje os colegas o lembram como estudante exemplar. Dedicou-se a todas as atividades escolares em Lajeado, e novamente no Colégio Rosário. Em 1956, teve a missão de inaugurar o Colégio Champagnat como educandário para jovens de Porto Alegre e alhures, pois, até 1955, fora Escola de formação dos Irmãos Maristas. Depois vieram os anos de seu directorado em São Leopoldo, no veterano Colégio São Luís. Depois, os anos áureos no Colégio Nossa Senhora Aparecida, de Bento Gonçalves. Desenvolvimento modelar do Curso de Contador com o coirmão Avelino Parisotto. Depois vieram os anos de Superior da Província de Caxias do Sul, as Missões de Mato Grosso do Sul. Participação nas grandes decisões do Instituto Marista no Capítulo-Geral. Esteve presente na fundação das Faculdades da FERVI, em Bento Gonçalves. Inúmeras iniciativas estão em seu vasto *curriculum vitae*. Desde 1981, marcou sua presença efetiva e ativa na Comunidade Santo Tomás de Aquino desta Casa, como Superior, como vice-Reitor, como coordenador e Diretor do Campus Aproximado da Vila Fátima, desde os primórdios, com devotamento e grande visão. Era imensa a sua dedicação nas atividades da Pastoral e do Centro de Solidariedade, durante as duas últimas décadas. A Cruz Vermelha teve nele o Presidente que deu novos rumos, em dois momentos de alta significação para o Rio Grande do Sul. Seu pensamento, sua ação em prol dos pobres, em prol dos desvalidos, somaria longos relatórios. Foi notável a sua ação nos Projetos de Solidariedade – *Da inteligência ao coração e à ação*, cujo 6º volume apareceu nestes dias. Seria longa a nossa fala nesta hora breve em que meditamos uma longa vida dedicada à educação nos sendeiros de São Marcelino Champagnat, levada pelas mãos maternais de Nossa Boa Mãe que ele tanto ensinou e tanto amou.

Caríssimo amigo Irmão Avelino, caríssimos irmãos e sobrinhos e netos da família de Paulo Madalozzo e de Ângela Morello Madalozzo, perdoem-me a brevidade de minhas palavras, constrangidas pelo tempo e emoção. Muito haveria para se dizer e sobretudo agradecer a Deus a belíssima e frutuossíssima vida do Irmão Avelino. A nossa despedida sentida, singela e fraterna, não é um adeus, é apenas um até breve, na eternidade feliz, no amplexo da misericórdia divina e no beijo da paz e felicidade sem limites.